

Fim de Partida

de Samuel Beckett
direção Yoshi Oida e Matteo Bonfitto





“Leitura essencial do mestre japonês
Yoshi Oida exalta a contundência de
‘Fim de Partida’ de Samuel Beckett”
Revista Bravo!





Apresentação

Neste espetáculo a maestria de Beckett encontrou a maestria de Oida. Em sintonia com a artesanía colocada em prática por Peter Brook, com quem colabora há mais de cinquenta anos, Oida destilou *Fim de Partida* desespetacularizando-o, a fim de escancarar o humano em toda a sua vulnerabilidade

Tal operação guiou profundamente os nossos ensaios e é presente nesse espetáculo não somente na atuação, mas também no minimalismo cênico proposto. Com poucos elementos e sem a presença de paredes, Oida, com Beckett, nos coloca em um lugar aberto, movediço... Um espetáculo construído no rigor com que os atores se colocam a serviço da obra, como canais, instaurando a partir de seu jogo uma experiência profundamente existencial.

Trajetória

Este espetáculo foi ensaiado entre os meses de março e abril de 2019 em Montreuil, nas imediações de Paris.

Em setembro *Fim de Partida* estreou no **Sesc Ipiranga**, na cidade de São Paulo, onde cumpriu uma temporada de 15 apresentações.

Em seguida a peça viajou à Cuba para realizar 03 sessões no **18º Festival Internacional de Teatro de La Habana**.

De volta à São Paulo reestreiou em sua segunda temporada - desta vez com 06 apresentações - na Cúpula do **Theatro Municipal de São Paulo**.

Ainda no final do ano Matteo Bonfitto foi indicado ao **Prêmio Shell de Melhor Ator de 2019**.



Sinopse

Fim de partida, de Samuel Beckett, nos mostra relações tóxicas no seio de uma família blindada. Hamm, o patriarca cego que nada vê e tudo sente, Nagg e Nell, pais de Hamm com seu exibicionismo decrépito, e Clov, o filho adotivo/escravo, que serve como uma espécie de correia dentada que faz esse mecanismo emperrado girar. Essa obra revela um mundo de confinamento e escassez no qual a micropolítica desta família se torna um espelho satírico em que reconhecemos a fanfarronice do poder, reentrante e reincidente, que leva os personagens à pergunta fundamental: quando é que isso definitivamente irá acabar?

Gênero: Drama

Duração: 1h20min

Classificação indicativa: 12 anos



Ficha-Técnica

Texto Samuel Beckett

Tradução Fábio de Souza Andrade

Encenação Yoshi Oida

Direção Yoshi Oida e Matteo Bonfitto

Assistência de Direção Milton de Andrade e Suia Legaspe

Elenco Rodrigo Pocidônio, Matteo Bonfitto, Milton de Andrade e Suia Legaspe

Consultoria de Preparação Corporal Daniele Santos

Cenografia e Figurino Telumi Hellen

Iluminação Camila Jordão

Design Gráfico Rodrigo Pocidônio

Fotografia Nicolau Spadoni

Vídeo Lucas Reitano

Produção Executiva Fabrício Síndice

Direção de Produção Edinho Rodrigues / Brancalyone Produções

Relações Internacionais Julia Gomes

Idealização e Realização Performa Teatro

Cenotecnia Casa Malagueta | **Cenotécnico** Alicio Silva | **Pintura de Arte** Giorgia Messetani

Ateliê de Costura Salete André | **Estilo** Lia Couros | **Assistência de Iluminação** Michelle Bezerra

Documentaristas Akiko Funatsu, Masayasu Eguchi e Toyomichi Kurita

Assessoria de Imprensa Frederico Paula / Nossa Senhora da Pauta



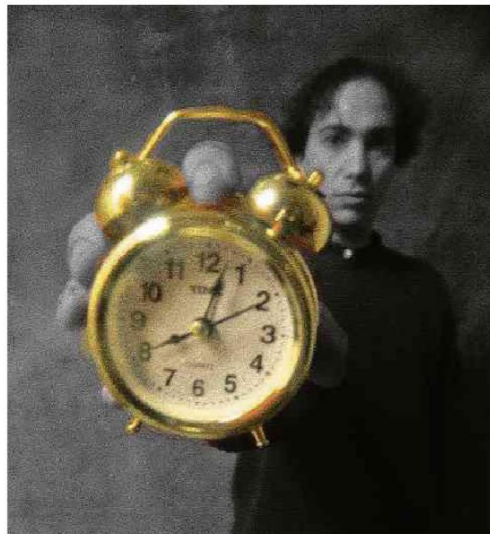
Vídeos

Teaser (67''): <https://youtu.be/Pexa88ov3nQ>

Espectáculo na íntegra: (86'30''): <https://youtu.be/bNbyPzGaTKo>



teatro e dança



Rodrigo Pociônio em cena da peça. Nicóla Spadoni/Divulgação

Yoshi Oida remonta 'Fim de Partida', clássico de Beckett

Considerado um clássico de Samuel Beckett, "Fim de Partida" ganha nova montagem pelas mãos de Yoshi Oida, consagrado ator e diretor japonês radicado em Paris — que ganhou reconhecimento ao integrar o grupo do britânico Peter Brook durante suas mais marcantes montagens, como "Orghast", "A Conferência dos Pássaros" e "O Mahabharata".

Uma parceria entre Oida e o diretor Matteo Bonfitto, que também atua, nascida de um encontro na França, gerou esta montagem, que ainda conta com Rodrigo Pociônio, Milton de Andrade e Suia Legaspe no elenco.

Depois de meses de ensaio em Paris, sobre a orientação do encenador, o espetáculo chega ao teatro do Sesc Ipiranga nesta sexta (20), às 21h, com ingressos praticamente esgotados — disponíveis apenas na hora.

Ao contar a história de um patriarca cego, com as pernas amputadas, que vive mais de memória do que de tempo presente, a peça revela a micropolítica presente nas relações de uma família, como um espelho satírico da sociedade em si, e propõe uma reflexão sobre os mecanismos do poder.

No texto, estão presentes discussões sobre questões como a dor, a desorientação, a tristeza e a raiva, sempre tratadas com um senso de humor ácido. **MT**

Vocifera

Texto: Victor Nóvoa. Direção: Marcos Felipe e Lucas Beda. Com: Fabiano Di Melo, Levi Tavares e Lourimar Vieira. 45 min. 16 anos.

Livrentemente inspirada na obra "O Inimigo do Povo" (1882), do norueguês Henrik Ibsen, a peça do grupo Teatro do Kaos faz uso de diversas linguagens artísticas, como dança, teatro de bonecos e audiovisual, para narrar a trajetória de Poim, um migrante nordestino que vem a São Paulo em busca de realizar seus sonhos.

Teatro de Contêiner Mungunzá - R. dos Gusmões, 43, Santa Eligênia, tel. 97632-7852. Qui. e sex.: 20h. **Estreia qui. (26)**. Até 4/10. Ingr.: R\$ 5 a R\$ 30 p/ eventbrite.com.br. **♫**

Reestreas

Amigas, pero no Mucho

Texto: Célia Forte. Direção: José Possi Neto. Com: Elias Andreato, Leandro Luna, Raphael Gama e Romis Ferreira. 80 min. 14 anos.

Na comédia, que ganha nova temporada no Teatro Folha, quatro amigas interpretadas por quatro homens conversam sobre cotidiano, corpo, trabalho, família, amizade e como conciliar o cuidado de tudo isso, ao longo de uma tarde de sábado em meio às suas rotinas caóticas.

Teatro Folha - Av. Higienópolis, 618, terraço, Higienópolis, região central, tel. 3823-2223. 305 lugares. Sex.: 21h30. Sáb.: 22h. Até 14/12. Ingr.: R\$ 40 a R\$ 60 p/ teatrofolha.com.br. **♫**

Cazuza - Pro Dia Nascer Feliz

Texto: Aloísio de Abreu. Direção: João Fonseca. Com: Marcelo Várzea, Osmar Silveira, Susana Ribeiro e outros. 150 min. 14 anos.

Montada pela primeira vez em 2013, a peça de João Fonseca abre nova temporada na capital. O musical homenageia uma das vozes mais emblemáticas da MPB e revisita momentos marcantes da vida e da carreira do cantor que consagrou temas como "Exagerado" e "O Tempo Não Para".

Teatro Procópio Ferreira - R. Augusta, 2.823, Cerqueira César, tel. 3083-4475. 624 lugares. Sex.: 21h. Sáb.: 18h e 21h30. Dom.: 18h. Até 3/11. Ingr.: R\$ 150 p/ sympla.com.br. **♫**

Fronteira

Texto: Carla Kinzo. Direção: Marcelo Lazzaratto. Com: Tatiana Both e Thais Rossi. 55 min. 12 anos.

A Cia. Elevador de Teatro Panorâmico explora os múltiplos significados, geográficos e culturais, implícitos na palavra fronteira nesta peça. Duas mulheres estão em uma zona fronteira e vivem um dilema: enquanto uma quer cruzar para o outro lado, a outra controla a passagem das pessoas entre os dois territórios.

Espaço Elevador - R. Treze de Maio, 222, Bela Vista, região central, tel. 3477-7732. 52 lugares. Seg.: 21h. Até 21/10. Ingr.: R\$ 40.

Sesc Ipiranga - teatro - R. Bom Pastor, 622, Ipiranga, tel. 3340-2000. Sex. e sáb.: 21h. Dom.: 18h. **Estreia sex. (20)**. Até 20/10. Ingr.: R\$ 9 a R\$ 30 p/ sescsp.org.br. **♫**

C6 | **Caderno 2** | QUINTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2019

ARCÊNICO



JOÃO WADY CURY

E-MAIL: JOAO.CURY@ESTADAO.COM

BLOG: CULTURA.ESTADAO.COM/BREVIOGS/ARCENICO

Oida estreia 'Fim de Jogo'

Paris, sempre Paris. Um encontro entre o ator e diretor japonês Yoshi Oida e o ator Matteo Bonfitto na capital francesa no fim do ano passado rendeu a montagem de *Fim de Jogo*, de Samuel Beckett, com estreia em 20 de setembro, no Sesc Ipiranga. No elenco Matteo Bonfitto, Rodrigo Pociônio, Milton de Andrade e Suia Legaspe. Na peça, as personagens definham ao som de diálogos sobre a condição humana. Samuca Beckett é o irlandês que escreveu diálogos como: Hamm - Não estamos co-

NICOLAU SPADONI



Personagens. Fim de linha

meçando a... a... significar alguma coisa?

Clov - Significar? Nós, significar? (*riso breve*). Ah! Essa é boa!

OIDA ATÔMICO

O diretor Oida é conhecido por ter participado, como ator, em mais de dez montagens de Peter Brook, como *A Tempestade*, do bom e velho Will Shakespeare, e *Mahabharata*, épico religioso indiano escrito em versos e adaptado por Jean-Claude Carrière para o teatro. Hoje, aos 86 anos, não dá folga a ninguém. Prepara-se para encenar, em março do ano que vem, a montagem de *O Tambor de Seda*, inspirado nos textos do escritor Yukio Mishima para o teatro nô moderno. A estreia será em Paris. Para 2021 já tem agendadas direções de duas óperas no Japão e em Nova York.

VIA CRÚCIS

Se há um caminho da cruz já é possível saber onde ela foi parar. Está logo ali, no logotipo do recém-lançado Conservatório Brasileiro de Teatro, criado pelo diretor Roberto Al-

Clipping

Teatro Municipal ocupa cúpula com temporadas de espetáculos

Projeto-piloto abre com 'Fim de Partida', de Beckett, e inaugura programação de peças em palco no alto do prédio

Quem olha para a fachada do Teatro Municipal pode imaginar que, durante uma tarde comum, a monumental casa de espetáculos está em pausa. Está enganado. Do lado de dentro, um mundo agitado se combina com a correria de São Paulo.

Além das visitas guiadas, locações para programas de TV e ensaios, a direção do Municipal lança um projeto-piloto para ocupar a cúpula do teatro com temporadas de espetáculos. Encerra-se neste fim de semana a curta temporada de *Fim de Partida*, texto de Beckett, que inaugu-

ra o projeto. "Após a primeira temporada, surgiu a oportunidade de trazer o nosso bunker para cá", diz o ator Matteo Bonfitto, que compartilha a direção com o japonês Yoshi Oida.

Espaço pouco conhecido do público comum, a estrutura circular que recobre o teto do teatro costuma abrigar atividades internas, como ensaios do coro e das músicas dos espetáculos que passam pelo Municipal. A ópera *A Viúva Alegre*, que estreou no dia 14, dirigida por Miguel Falabella realizou seus ensaios nesse espaço.

Para Bonfitto, narrar *Fim de Partida* no topo do Municipal desperta diferentes ideias sobre o fim e a morte, temas que sempre rodearam a obra de Beckett. "Não é estranho reconhecer que o autor escolheu a família e a natureza, para falar da degeneração

do mundo. O bunker que esconde as personagens não está escondido aqui, mas à vista, nas alturas." Ao lado de Bonfitto, estão no palco Rodrigo Pociônio, Milton de Andrade e Suia Legaspe.

Durante os ensaios da peça, em Paris, o quarteto experimentou outro tipo de confinamento. A pedido de Oida, que completou 85 anos, a equipe fez seus ensaios em um espaço chamado La Guillotine (A Guillhotina), em Paris. Grande aprendiz e ex-integrante da companhia do britânico Peter Brook, Oida conduziu um trabalho mais minimalista pelo texto de Beckett, conta Bonfitto. "Ele manteve o foco em construir no ator um canal de experiência, sempre à serviço da palavra e não apenas como uma demonstração de habilidades."



TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO

Beckett.
Matteo Bonfitto (sentado) e Rodrigo Pociônio

Entre os ataques existenciais das personagens Nagg, Nell, Hamm e Clov, a peça explora os silêncios e o que há de cômico na miséria criada pelo autor. "É uma forma de enxergar fissuras no texto", diz Bonfitto. Na peça, a manifestação da descrença e da violência apontam para uma identidade

de esvaziada. É como se os corpos dilacerados das personagens servissem de espelho para um mundo pronto a se despedir, mesmo que seja rindo. "Esse tipo de humor beckettiano vem de seu profundo interesse em artistas como Buster Keaton e Charlie Chaplin", diz Bonfitto. /L.N.

Serviço

FIM DE PARTIDA
TEATRO MUNICIPAL
PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO, S/Nº.
TEL.: 3052-2090. SÁB., 21H; DOM., 19H.
R\$ 15 / R\$ 30. **ATÉ 24/11**

Triunfo da miséria humana

Leitura essencial do mestre japonês Yoshi Oida exalta a contundência de "Fim de Partida", de Samuel Beckett

Bravo! Bravo!
Oct 17 · 2 min read



Foto: Rafaela Queiroz

Por Gabriela Mellão

Uma partida que parece não ter fim, na qual a melhor alternativa se mostra irresoluta, entre o triunfo do vazio e a permanência do limbo. *Fim de Partida* (*Fin de Partie*, no original em francês), texto antológico do autor Samuel Beckett (1906–

1989), ganha nova encenação nos palcos paulistanos. A peça é conduzida por Matteo Bonfitto, protagonista da montagem, e Yoshi Oida, ator e diretor japonês radicado em Paris, notório pela leitura espiritualizada de suas obras e pela criação e o desenvolvimento do CICT (Centre International de Créations Théâtrales), em parceria com o célebre encenador inglês Peter Brook.

Como é de se esperar, a encenação é desespetacularizada. O que parece valer é a presença dos atores em cena, que tem algo de absoluto. Num misto de ironiza e sinceridade, Bonfitto materializa em cena sua miséria sublime, devidamente compartilhada com o restante de sua família.

Aliado ao despojamento cenográfico, o apuro das interpretações destaca a simplicidade da montagem exaltando a contundência do texto, escrito num contexto pós-catástrofes, na sucessão de duas guerras mundiais, em fina sintonia com a esterilidade do mundo atual.

Fim de Partida aborda a falência de uma civilização a partir das relações do patriarca Hamm, cego, com as pernas amputadas, com sua mãe e seu pai mutilados, vivendo em latas de lixo, e Clov, misto de filho e enfermeiro que, apesar dos abusos que sofre, nunca consegue partir. Escancara os jogos de poder, sociais e psicológicos de uma sociedade que se auto-destruiu, cujo aniquilamento parece não ter fim.

Fim de Partida. Sesc Ipiranga (R. Bom Pastor, 822). Sexta e sábado às 21h e domingo às 18h. De R\$ 9 a R\$ 30; até 20 de outubro. Teatro Municipal de São Paulo — Cúpula. Praça Ramos de Azevedo, s/n. Dias 15 a 17 e 22 a 24, sexta e sábado às 21h e domingo às 19h. R\$ 30.

Teatro Samuel Beckett Fim De Partida Crítica

C4 SEXTA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 2019

ilustrada

Japonês dirige peça de Beckett sobre paralisia de mundo estéril

Cria de um dos maiores encenadores atuais, Yoshi Oida compara a trama de 'Fim de Partida' ao ciclo da vida

Clara Balbi

SÃO PAULO Discípulo do britânico Peter Brook, um dos maiores diretores teatrais vivos, o japonês Yoshi Oida, de 86 anos, não pensou duas vezes antes de aceitar o convite do ator Matteo Bonfitto para dirigir "Fim de Partida", em cartaz no Sesc Ipiranga.

"Sempre fico feliz de apresentar alguma coisa para o público brasileiro", diz Oida, por telefone, de Tóquio, onde atua em uma versão de "Édipo Rei" no mês que vem. Radicado em Paris, o japonês frequenta o Brasil des-

mico e desalentador de Beckett, considerado um dos representantes do teatro do absurdo ao lado de nomes como o romeno Eugène Ionesco e o francês Jean Genet.

O mundo que os personagens veem pelas duas janelas —uma voltada para o oceano, outra para a terra— também é desértico, estéril.

Quando Hamm pergunta como estão as coisas lá fora, Clov mal precisa da luneta para constatar que as ondas não quebram, as gaiotas se foram, e até o sol ficou no meio do caminho entre o dia e a noite. "Zero, zero e ze-

ros frequenta o Brasil desde 1999. Há dois anos, montou em São Paulo uma versão operística de uma sinfonia do austríaco Gustav Mahler, "A Canção da Terra". Desta vez, no entanto, Oida não conseguiu vir ao país. Foi Bonfitto, assim, que bateu à porta do mestre na capital francesa, acompanhado de sua trupe. Sob a supervisão de Oida e sob as câmeras de uma equipe de filmagem que realiza um documentário sobre o japonês, ensaiaram seis dias por semana, seis horas por dia, entre os meses de março e abril.

A escolha do título partiu de Oida. Bonfitto, que assina a direção do espetáculo ao lado do mestre, desejava sobretudo montar uma peça de Samuel Beckett, dramaturgo irlandês ganhador do Nobel de Literatura cuja morte completa três décadas neste ano.

A trama acompanha quatro personagens isolados em um abrigo à beira-mar, Hamm, Clov, Nagg e Nell.

Todos estão condenados, de uma forma ou de outra, à inércia. Hamm é cego e tetraplégico, completamente dependente do serviçal Clov, criado pela família desde a infância. Clov tem uma doença que o impede de se sentar, e passa cada minuto em cena indo da cozinha para a sala, da sala para a cozinha, ao bel-prazer dos caprichos de Hamm.

Já o pai e a mãe de Hamm, Nagg e Nell, tiveram as pernas amputadas por causa de um acidente. Vivem cada um em uma lata de lixo, elemento que dá uma pista do estilo ao mesmo tempo có-

mo e a noite. "Zero, zero e zero", responde o empregado.

Pior, não conseguem sair do estado de dormência. Seja porque não têm coragem ou meios para cometer suicídio, caso de Hamm, ou porque têm medo do vazio que se estende do lado de fora, impasse de Clov, os personagens andam e falam em círculos, a todo tempo retomando discussões interrompidas e dilemas insolúveis.

Oida revela que, além de sua obra favorita de Beckett, "Fim de Partida" também é aquela que desperta os seus temores mais primários.

"Estou velho, no fim da minha vida", diz. "Todo dia, vem uma nova manhã, e o que era o fim se torna um recomeço. Nossas vidas continuam se repetindo o tempo todo, e Beckett descreve isso de uma maneira muito clara, muito delicada, além de trazer à tona a solidão."

Apesar de escrita há mais de 60 anos, Bonfitto afirma que, com a iminência de um desastre ambiental renunciado pelas queimas da Amazônia, o contexto apocalíptico da peça fica ainda mais próximo, indissociável de uma degeneração das relações humanas.

Seria esta uma lição de Beckett para as plateias contemporâneas, então? "Acho que ele não queria nos ensinar a viver nesse mundo, mas mostrar a realidade através de uma peça", reflete Oida. "Fechamos e abrimos nossos olhos e ela continua ali."

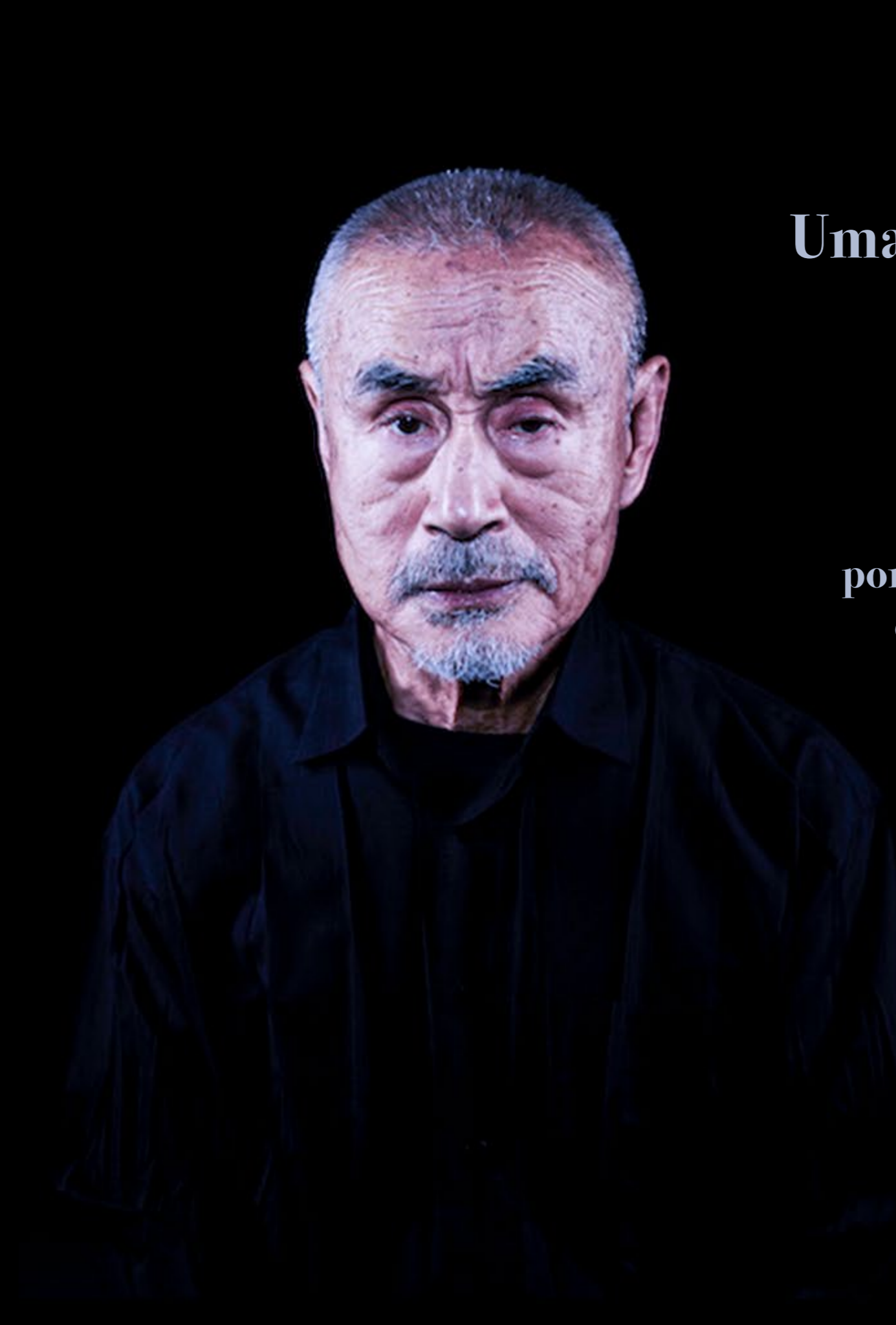
Fim de Partida

Sesc Ipiranga, r. Bom Pastor, 822. Sex., sáb., às 21h. Dom., às 18h. Até 20/10. R\$ 30

Clipping

Matéria no Programa Metrópolis da TV Cultura (2'42"): <https://youtu.be/rhs3aZom448>





Uma sociedade cruel e eu, as dificuldades que permeiam as relações humanas e eu, a finitude da vida e eu.

Todos os medos que tive em minha vida estão presentes nessa peça: dor, sensação de desorientação, tristeza, raiva e um incrível senso de humor.

Já o protagonista dessa peça - Hamm - não age de maneira desesperada, porque parece consciente de sua dupla existência: de um lado a vida ordinária, cotidiana, com seus amores, ódios, rancores, esperanças... e de outro a vida invisível, que ultrapassa as emoções reativas do dia-a-dia para observar o existir com serenidade, tentando não se perder em inúteis confusões.

Mesmo após os momentos de confronto com Clov, ele diz: “Estamos progredindo”.

Quero ser como ele. Observar a sociedade atual com calma, e tentar evitar o caos, mesmo diante de tudo o que me circunda.

Yoshi Oida



Contato

Edinho Rodrigues

Brancalyone Produções

edinho@brancalyone.com.br

+55 11 9 9107 4386

Matteo Bonfitto

Performa Teatro

matteobonfitto@gmail.com

+55 11 9 8441 2090